
Improvizando em meio aos punks: um breve relato sobre uma apresentação musical na Virada Cultural

Guilherme Pinho Meneses

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1403>

DOI: 10.4000/pontourbe.1403

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Edição impressa

Data de publicação: 1 Julho 2012

Referência eletrónica

Guilherme Pinho Meneses, « Improvizando em meio aos punks: um breve relato sobre uma apresentação musical na Virada Cultural », *Ponto Urbe* [Online], 10 | 2012, posto online no dia 28 julho 2012, consultado o 27 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1403> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1403

Este documento foi criado de forma automática no dia 27 Abril 2019.

© NAU

Improvizando em meio aos punks: um breve relato sobre uma apresentação musical na Virada Cultural

Guilherme Pinho Meneses

Preparativos

- 1 Recebi um convite inesperado em meio a uma festa de aniversário de uma amiga: tocar na Virada Cultural. Um amigo meu de Santos, que por acaso estava ali na festa devido a uma amizade em comum, me propôs esta ideia de fazer um show durante o maior evento cultural da cidade de São Paulo enquanto distribuía os bótoms recém feitos de sua banda Gattopardo. Tudo o que eu sabia era que seriam dez bandas, nada mais. Mas fiquei animado e logo comuniquei os meus companheiros. A primeira impressão foi de descrença, mas também de desafio. Tocar para um público inédito, em meio ao centro de São Paulo, um show aberto, com possibilidades de contatos e milhares de pessoas passando pelas ruas. No entanto, muitos seriam também os empecilhos. Afinal, onde iríamos tocar? A que horas? Haveria equipamento? E equipamento de boa qualidade? Seria um palco ilegal, com risco de intervenção policial? A proximidade com a gravação de nosso disco também agia como um fator contra, já que desviava a nossa atenção nos ensaios. Mas decidimos prolongar a resposta do aceite.
- 2 Passada algumas semanas, não houve outro contato por parte do pessoal que iria organizar. Pensamos que aquela havia sido uma conversa de bêbado e que logo havia sido esquecida. havia ainda muitas questões. Praticamente não havia equipamentos sem ser o meu amplificador de baixo e uma bateria. E mais, uma questão fundamental: onde iríamos ligar os equipamentos? Aí estava o ponto-chave de toda a situação.
- 3 Descobri somente nesta hora que iríamos tocar num projeto chamado Gerador (ou Gerar Dor) organizado por punks, já em sua 7ª edição, com o intuito de levar o som às ruas

paulistanas. Gerador porque efetivamente os equipamentos eram ligados num gerador (que fazia mais barulho que os próprios instrumentos). Nesse meio tempo, recebi a notícia de que realmente poderíamos tocar e fui convidado a fazer parte da organização do evento no Facebook. Ali me deparei com o fato de que o cenário seria completamente punk, o que contrastava fortemente com o som da nossa banda, mais calmo e mais aparentado ao jazz. Só para ilustrar, cito os nomes das bandas: Veneno Lento, Speed Kills, Prokrastination Klan, Deaf Kids, La Chatte, Imigrantes Italianos do Século XXI, The Luppis, Gattopardo, Quasetheticks, e o nosso, A Ladeira. Isso causou certo estranhamento e desconforto entre nossos integrantes, mas enfim decidimos ir em frente. Comuniquei o meu informante e ele disse que tudo bem, desde que trouxesse o meu amplificador.

- 4 Levei meu amplificador na noite anterior para a casa desse meu conhecido, já que não poderia comparecer às 14h, que era o horário que deveríamos montar os equipamentos. O recomendado foi que houvesse pelo menos um integrante de cada banda nesse horário. Não mandamos ninguém, já que a maioria estava com coisas pra fazer, e combinamos de chegar uma hora e pouco antes do nosso show, que aconteceria às 19h30.
- 5 Na noite anterior, um susto. De madrugada, recebo uma mensagem no meu celular avisando que não haviam conseguido o equipamento completo. O seguinte recado foi deixado pelo meu contato na página do evento noFacebook, repassado pelo guitarrista da minha banda.
- 6 ATENÇÃO ATENÇÃO~~ESTAMOS NUMA CRISE DE EQUIPAMENTO E SE NINGUÉM AJUDAR VAI PELO RALO. (P.K., sábado às 00:34)
- 7 De todo modo, fui na hora combinada, sabendo que havia feito o que estava ao meu alcance. Cheguei em casa por volta das 17h e logo parti de metrô para a Estação da Luz. Foi-nos avisado que ouviríamos o som logo na saída do metrô, de tanto barulho.

O pico

- 8 A montagem dos equipamentos começou às 14h. A regra era que um integrante de cada banda deveria comparecer para ajudar. Deviam ser instalados os amplificadores de guitarra (dois), baixo (dois, sendo um para a voz), a bateria e o gerador em uma hora, para o primeiro show começar às 18h. Como era de se esperar, nem todos seguiram a regra à risca.
- 9 Montagem do equipamento em frente à Estação da Luz. Fotos: Mateus Mondini
- 10 O lugar exato em que aconteceriam os shows não era nenhum palco montado, mas a própria rua em frente à Estação da Luz. As milhares de pessoas que por ali passavam podiam ouvir um ruído desde o interior da estação. Esse lugar deve ter sido escolhido por representar em si mesmo a ideia do “espaço público”, que abrigaria um show que, em tese, seria aberto a quem quer que seja, sem cobrar entrada, sem restrição. Os eventos anteriores (essa seria a sétima edição) foram realizados em lugares como o Minhocão, Praça do Correio (Centro de São Paulo), Parque do Ibirapuera, Praça da Arvore, Praça do Aquário de Santos/SP, Cotia/SP entre outros. O centro de São Paulo, mas em especial a região da Cracolândia, que envolveu uma série acontecimentos no início do ano tendo em vista a implementação do projeto Nova Luz, carregam consigo essa carga simbólica muito forte – de lugar de “todos”, das classes populares, do trânsito livre na metrópole.

- 11 No entanto, quem se aproximava do dito “palco” eram pessoas que de alguma forma se ligavam às bandas que tocariam ali e que tinham alguma relação com o movimento punk, mesmo que indiretamente, via amigo de amigos. Ao todo, na hora que chegamos, 18h, o que era bem cedo em relação ao horário em que as pessoas geralmente comparecem ao centro para ver as demais atrações da virada cultural, não havia mais de 100 pessoas escutando as bandas. Os que ali se encontravam sabiam previamente do evento e vieram especificamente para ele no horário marcado. A página do evento no Facebook, por exemplo, informa que iriam comparecer 108 pessoas, 31 disseram “talvez” e 857 permaneceram como convidados que não deram resposta. A figura do transeunte, que passava por ali perto e estranhava o acontecimento (o que seria um alvo pretendido pelos organizadores), era residual e se situava na “periferia” do círculo da plateia, que era ocupada no centro pelos punks, em especial aqueles mais próximos da organização do evento. Até que havia certa quantidade de garotas, tendo em vista que esse tipo de movimento atrai mais homens do que mulheres.
- 12 Fora isso, o lugar era lindíssimo. A iluminação da estação de trem deixava o clima especial, o que de certa forma preparava a cidade para uma transformação que iria ocorrer nas próximas horas.

Os punks, os nossos outros

- 13 O modo de pensar punk já começava a aparecer desde o início do evento. Seguindo o lema do faça-você-mesmo, os organizadores e integrantes das bandas faziam questão de que não houvesse ninguém contratado, nenhum funcionário para ajudar na montagem, nenhuma pessoa ligada à Prefeitura, mas, ao contrário, de que tudo ali fosse organizado, divulgado e executado por eles mesmos, independentemente do Estado ou de outras instituições. No texto de divulgação no Facebook, meu informante ressaltava:
- 14 VOCÊ NÃO PRECISA DE EMPRESA, CENTRO CULTURAL, PREFEITURA E AINDA MENOS POLÍCIA. (P.K.)
- 15 A partir da leitura das postagens e comentários, vimos que o evento, de alguma maneira, foi construído coletivamente – mesmo que isso não signifique a igual participação de todos. Por exemplo, o dia foi mudado de domingo para sábado por conta da indisponibilidade de horário de algumas bandas. Os equipamentos também foram conseguidos entre os integrantes das bandas que iriam participar, mesmo que só de última hora algumas pessoas se mobilizaram para emprestar suas caixas a fim de evitar o aluguel de equipamentos (que sairia mais caro) por parte da organização. Afinal, alguns antes temiam que seus equipamentos ficassem expostos por estarem ali numa rua do centro, com risco de roubo e danificação.
- 16 Um pouco da identidade visual e do estilo da escrita pode ser observado por meio do flyer eletrônico do evento divulgado no Facebook:
- 17 7ª Edição do Projeto GerarDor – VIRADA SUBCULTURAL! (Sem flyer)
- 18 Amanhã, dia 05/05, acontecerá à 7ª edição do Projeto GerarDor.
- 19 Desta vez serão 10 bandas tocando no centro da linda e fedorenta cidade de São Paulo.
- 20 O role começa às 15h00 e vai até o gerador explodir. Agora, se chover, você que sabe! Ou você não vai ou você espera. Pra mim tanto faz!

- 21 As bandas que participarão desta edição: Veneno lento, Speed kills, Prokrastination Klan, Deaf kids, La Chatte, Imigrantes italianos do século XXI, The luppis, Gattopardo, A Ladeira e o QUASETHETICKS
- 22 Local: Praça da Luz – 2 Saída da estação de trem!
- 23 Você vai escutar o barulho!

O show

- 24 Chegamos por volta das 18h na Estação da Luz, 1h30 antes de nossa entrada no palco. Mas, a primeira notícia já desmentia esse acerto. Recebemos a notícia de que teríamos que entrar uma hora antes dado ao fato que a banda anterior não havia comparecido, e no palco estavam alguns punks tocando coisas improvisadas “sem sentido”. De primeira rechaçamos, alegando que nossos convidados iriam chegar somente na hora certa, logo iriam perder o show se tocássemos antes. Tal foi a resposta:
- 25 Isso aqui é um show coletivo, construído por um coletivo e pra um público coletivo. Não é pra tocar pro público que você ta acostumado. Eu, por exemplo cheguei às 14h, e trouxe todos os equipamentos sozinho. (organizador do evento)
- 26 Quando discutimos rapidamente sobre quais músicas de nosso repertório iríamos executar, vieram ordens imediatas: “Só pode tocar [música] própria, não pode cover”. As músicas próprias remetiam diretamente ao lema do punk, faça-você-mesmo, mesmo que seja tosco, simples, pouco elaborado. E nossa música não era exatamente isso, era claramente mais elaborada que as demais; seguia outra “pegada”, com complexos solos de guitarra. Mas tudo bem, tínhamos músicas próprias suficientes e bem preparadas em nossos ensaios. Foi uma boa oportunidade para mostrá-la ali para um público um tanto inusitado. Mas não sem conflitos. Logo quando entramos no palco e começamos a afinar nossos instrumentos, já vieram as primeiras reclamações da platéia.
- 27 EU QUERO ROCK N’ ROLL, PORRA!!! (homem claramente bêbado)
- 28 De qualquer modo, prosseguimos e executamos as nossas músicas. O equipamento estava um pouco ruim (exceto o das guitarras) e comprometia sobretudo os vocais. Mas, para o nosso espanto, recebemos muitos elogios a partir do término da primeira música. E apesar de não ver as pessoas pulando e batendo cabeça tal como faziam enquanto as bandas punks tocavam, a galera aplaudia bastante. Ao final de cada canção, vinha alguém da organização agradecer, dizer que estava muito bom, que as meninas estavam gostando. No fim do show, fomos bem aplaudidos e recebemos algumas propostas de apresentações futuras.

Um triste fim

- 29 Não pudemos ficar até o final dos shows daquele dia e, quando fui buscar meu amplificador de volta, recebi a notícia de que o ilustre gerador havia falecido naquela noite. Por excesso de uso, devido às horas prolongadas com o aparelho ligado e muita energia demandada pelas caixas com os instrumentos ligados no máximo volume, o gerador havia parado de funcionar. Mas, segundo eles, já se está providenciando um novo.

AUTOR

GUILHERME PINHO MENESES

Mestrando em Antropologia Social pela USP